



BULHÃO PATO – Por acaso feliz ou destino providencial, o nome de família veio a revelar uma dimensão icónica em relação ao homem e ao poeta que se fez: um romântico e um liberal desiludido, a quem o frustrar de sonhos e expectativas despertou para a sátira e para o culto da memória. Com a mesma intensidade emocional com que, nos primeiros anos, cantava o amor e a natureza, descrevia as paisagens e os costumes, usou da rima para criticar a corrupção dos homens e das instituições, e chorar as mudanças trazidas pelo “progresso”, essa força que significava a destruição do mundo que conhecera e o desaparecimento daqueles que tanto amara e venerara. Contra o esquecimento e o desmerecimento dos novos redigiu as suas memórias. Revelou-se então o combatente, o indignado, enfim, um bulhão.

Filho de fidalgo português, Raimundo António Bulhão Pato, nasceu em Bilbao, Espanha, a 3 de Março de 1829. A guerra civil que, alguns anos depois, opôs os absolutistas (ou carlistas), partidários de D. Carlos de Bourbon, contra os liberais (ou cristinos), apoiantes da regente Maria Cristina de Bourbon, trouxe a família para Lisboa (1837). Mas por aqui operavam-se as transformações similares, pelo que o ambiente que os aguardava não era muito diferente: «Nessa época a cena política cheirava a pólvora e a sangue! O ódio entre carlistas e cristinos não era menor do que o entre miguelistas e constitucionais.» - recorda o poeta nas suas *Memórias*¹. Essas lutas fratricidas terão marcado a sensibilidade de Bulhão Pato. **O repúdio pela violência é um princípio presente em toda a sua obra.** Parece apenas aceitá-la como reação contra o “mal”, como a violência gratuita, a ambição desmedida e a prepotência dos fortes. A sua ideia de justiça parece derivar da doutrina cristã. **Possuía, pois, uma conceção hierarquizada da sociedade** – Deus assim a fizera. Os não privilegiados, pela fortuna ou pelo génio, deveriam conformar-se com o seu destino e ter esperança. Aos privilegiados exigia-se um carácter assente na elevação moral – a verdadeira medida da grandeza do homem –, e outros valores que, se presentes, não podiam deixar de se repercutir positivamente na sociedade humana e, conseqüentemente, na nação.

Na Escola Politécnica, onde se matriculou em 1845, fez amizades que cultivou durante toda a sua vida, e na companhia das quais começou a frequentar os cafés, os salões, as sociedades e as redações de jornais e revistas frequentados e animados pelas personalidades literárias e políticas daquela época, como Alexandre Herculano (1810-1877), Almeida Garrett (1797-1867), José Estevão (1809-1862), Latino Coelho (1825-1891), Rebelo da Silva (1822-1871), Rodrigues Sampaio (1806-1882) e muitos outros. Nesse convívio, foi atraído pelas ideias liberais de cariz mais radical, abraçando a causa Setembrista. Em 1846, juntou-se a outros estudantes das escolas superiores e veio para a rua apoiar a revolta da Maria da Fonte (Maio). Depois da “emboscada” (Outubro),

¹ *Memórias. Cenas de Infância e Homens de Letras*, Tomo I, p. 34. Disponível na Rede Municipal de Bibliotecas de Lisboa.

conspirou com os patuleias e festejou a revolução de Paris (1848). Mas Bulhão Pato nunca se envolveu diretamente na ação político-partidária. A sua luta foi travada de pena em punho, por um lugar no pódio dos poetas e no coração daqueles que o apoiaram e reconhecia como modelos de virtude.

Os primeiros versos que se lhe conhecem, *Se coras não contos*, datam de 1847, e acabaram publicados num jornal, por iniciativa de alguns amigos. E foi desse estímulo de reconhecimento da sua veia poética que se terá carregado de confiança para iniciar a sua vida literária: «Quando vi o meu nome em letra redonda, precedido de algumas palavras benévolas, julguei-me coroadado no Capitólio!»² – recorda com um entusiasmo agradecido.

Fazendo uso de uma linguagem simples e colorida, de sabor popular, **a poesia de Bulhão Pato foi bem acolhida e a imprensa não tardou a perceber e a requerer a sua colaboração.** Assim, não se estranha que tenha iniciado na *Revista Peninsular* (1855-56) a publicação do seu famoso poema *Paqueta*, pelo qual se desenrolam as aventuras e desventuras dessa «jovem filha da bella Andaluzia» e do seu primo Pepe. Poema começado em 1848, na casa da Ajuda, de Alexandre Herculano, e que foi sendo sucessivamente acrescentado com novos quadros: «Ficámos no momento em que a leitura / D'aquella romanescas poesia / Órvalhara de prato a face pura. Da candida heroína. E quem diria / Que as meigas frases d'alguns pobres versos, Tão repassados d'infantil ternura // Seriam causa e causa desgraçada / De cenas para as quaes esta Odyssêa / Me socorri á Musa desgrenhada / De certo vate, cuja fácil veia / Tem o dom d'eivar qualquer assumpto / Ás honras da mais clássica epopeia!»³ Na *Revista Contemporanea* (1859-1864) também saíram publicados trechos dos Cantos II, III e IV. Em 1896, quando o poema foi dado por concluído e entregue aos prelos da *Typographia da Academia real das ciências*, somava 16 cantos e centenas de versos. Esta obra de grande fôlego não significou o esgotamento da verve de Bulhão Pato, pelo contrário. Ainda naquele ano inspirado de 1856, deu a publicar ao jornal *Ilustração luso-brasileira* (1856-1859) o «**Jorge. Romance contemporâneo**»⁴ A narrativa tem por contexto o tráfico de escravos, assunto de grande atualidade à época Este comércio hediondo fora abolido em todo o império em 1836, mas a libertação dos escravos só foi determinada nos anos de 1854 e 1856. A partir das relações entre os vários personagens, reflete sobre a natureza humana, entendida como bipolar, tendo como único refreio e guia os “sentimentos morais”. No desenlace do romance, Bulhão Pato revela a sua faceta irónica, ou mesmo sarcástica, surpreendente, no seu contraste com o ritmo e a matiz do discurso narrativo anterior, mas que é a expressão da sua crítica ao presente do país e aos seus, os políticos:

«Jorge viveu. Voltou para Portugal onde encontrou Julia, e Carlota a qual morreu poucos mezes depois d'um typho.

Passados dois annos fez-se homem publico, e alcançou um logar em S. Bento.

² *Memórias. Cenas de Infância e Homens de Letras*, Tomo I, p. 70

³ *Paqueta*, Canto II. Lisboa: typographia Franco-Portugueza, 1866

⁴ O romance encontra-se distribuído pelos n.º 6, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, publicados entre Fevereiro a Junho de 1856. A revista *Ocidente* está acessível na Hemeroteca Digital.

Da oposição no princípio, resolveu-se a abraçar as maiorias, por ocasião do grande reviramento social em que os *catões* feridos por uma luz subita desviaram com honra os olhos do passado, e envergando a casaca aristocrática foram fazer medidas no Paço. Engordou, e creio que esta hoje visconde, se não o promoveram a conde, ou a marquês na última fornada. (...).»⁵

Em 1890, na sequência do *Ultimatum*, Bulhão Pato saiu a terreiro com **O Pavilhão Vermelho**, poema satírico, de natureza panfletária, pelo qual fez ecoar o seu nacionalismo inflamado pela afronta inglesa: «Invencível Armada ! heroico potentado! – / Á mingoa de vergonha, a mão vulpina é boa! – / Podes entrar ovante, e bombardear Lisboa! / A barra é larga e franca, o tempo lisonjeiro... / Registra o fasto audaz na tua honrada história: / Nós saímos d'aqui, para ascender á gloria! / Chegas agora tu, para roubar dinheiro!»⁶

Esta vertente interventiva – que não é ideologicamente isenta, antes denuncia a sua visão da sociedade – **esteve sempre presente na obra de Bulhão Pato**, ainda que muitas vezes atinja elevado nível de simulação. Pode transportar uma observação crítica, direta, e, neste caso, o destinatário provável era a elite; ou assumir um tom mais didático e popular, como no poema «Trabalho e caridade», de 1871, que foi recitado numa sala de teatro: «Caminhemos com fé em prol da humanidade, / A bandeira da paz ao vento desfraldada, / Na fraternal bandeira a legenda sagrada, / A história do porvir: – Trabalho e caridade!»⁷.

Como **memorialista**, Bulhão Pato deixou uma obra rica em informação. Centrada, fundamentalmente, em personalidades relevantes, no campo literário e político, com quem privou e cultivou amizade. Nas suas evocações, umas vezes mais intimistas, outras de tom mais académico, reconhece-se quase sempre uma avaliação de cariz moral. Na sua maioria, esses “retratos” têm por pano de fundo a cidade de Lisboa e os concelhos envolventes, na segunda metade do século XIX.

Bulhão Pato foi, pois, um autor muito versátil e atento aos problemas do seu tempo, isto é, ao presente, do qual fez terreno de ação. **Não o encaramos como um ultrarromântico, mas como um poeta de transição, que modelou o seu lirismo de características muito pessoais.** Os últimos anos da vida de Bulhão Pato foram passados na “Casa do Monte”, na Costa da Caparica. Faleceu a 24 de Agosto de 1912.

Parte substancial do seu trabalho – que se materializou também em peças de teatro, ensaios e traduções (Shakespeare, Bernardin de Saint-Pierre e Vitor Hugo – **encontra-se distribuída por jornais e revista de natureza literária e recreativa**, como: *Panphletos* (1848), *Pirata: jornal litterario e de espectaculos* (1856), *Revista Peninsular* (1855-1856)⁸, *Revista Universal Lisbonense* (1841-1859)⁹, *Ilustração luso-brasileira*:

⁵ Ocidente, 1856, n.º 23, pp.

⁶ «Pavilhão Vermelho», Canto I, p. 5. A obra está disponível na Rede Municipal de Bibliotecas de Lisboa.

⁷ «Cantos e Satyras», p. 37

⁸ O Tomo II (1856) está disponível na Hemeroteca Municipal.

⁹ Obra digitalizada na Hemeroteca Digital.

jornal universal (1856-1859)¹⁰, *Theatro e Assembleias: jornal litterario, musical e theatral* (1856), *Revista Contemporanea* (1859-1864)¹¹, *Museu Litterario: semanario de instrução e recreio* (1876), *Ilustração Portuguesa: revista litteraria e artistica* (1884-1890)¹², *Occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro* (1877-1915)¹³, *Brasil-Portugal: revista quinzenal illustrada* (1841-1912)¹⁴. Em formato livro, destacam-se as suas *Memórias* (três volumes) e *Sob os cipestres*, também de cariz memorialista, mas existem mais de uma dezena de títulos impressos.

Rita Correia

Lisboa, 28 de Junho de 2012

Bibliografia Consultada:

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa- Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada

Buescu, Helena Carvalhão, coord. – *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Caminho, 1997.

SILVA, Innocencio Francisco – *Diccionario bibliográfico portuguez: estudos applicáveis a Portugal e Brazil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2.^a ed., 1900-1926

PATO, Bulhão – *Memórias*. 3 Tomos, Lisboa: Perpectivas & Realidades, s.d.

Idem – *Paqueta*. Lisboa: typographia Franco-Portugueza, 1866 [Disponível em: <http://books.google.pt/books?id=-1MOAAAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>] Consultado a 27/06/2012.

Idem – *Pavilhão Vermelho*, Lisboa: Adolpho, Modesto & C.^a – Impressores, 1873

Idem – *Cantos e Satyras*, Lisboa: Editores – Rolland & Semiond, 1873

¹⁰ *Idem*.

¹¹ Coleção disponível na Hemeroteca Municipal.

¹² Coleção disponível na Hemeroteca Municipal.

¹³ Coleção digitalizada na hemeroteca Digital.

¹⁴ *Idem*.